

MÚSICA E DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO VIOLÃO ON-LINE PARA CEGOS¹

MUSIC AND VISUAL IMPAIRMENT: A PROPOSAL FOR TEACHING AND LEARNING THE ON-LINE GUITAR FOR BLIND

COSTA, Luiz Fernando Navarro

1. Conteúdos educacionais – da produção à exibição

1.2 Acessibilidade – os desafios e as soluções para a inclusão por meio das tecnologias

Resumo:

A educação a distância (EAD) vem se reinventando nos últimos anos e tornando-se uma modalidade em ascensão na área da educação. Para a sua democratização é necessário que a internet e os hardwares, softwares e plataformas que possibilitam essa modalidade de ensino, sejam acessíveis a todos. É importante também que os professores e tutores dos cursos a distância, diante da diversidade de alunos, busquem capacitação profissional. Por atuar de forma remota, a EAD vem se tornando uma cômoda solução parcial para a formação daqueles que moram distantes dos centros educacionais e também para os indivíduos com limitação de locomoção, como cadeirantes e pessoas com deficiência visual. É fundamental, porém, que as plataformas e softwares se tornem mais acessíveis às pessoas com deficiência visual, considerando que o apelo visual é uma forte característica desta modalidade de ensino. Em atenção a esse público, idealizei uma pesquisa-ação para implementar um curso de violão on-line para cegos no programa de extensão da UFPB, buscando compreender e avaliar seus processos, desafios e possibilidades. A inclusão de alunos cegos na EAD, apesar da baixa prevalência, acontece em outras áreas. Acompanhar esta tendência na música é um desafio aos pensadores da Educação Musical contemporânea.

Palavras-chave: educação musical; educação musical a distância para cegos; violão on-line para cegos.

Abstract:

Distance education (DE) has been reinventing itself in recent years, becoming a rising modality in the education field. For its democratization, is necessary that digital tools such as: internet, hardware, software and platforms those enable this teaching method and becomes accessible to all. It is important that teachers and tutors seek professional training for this education modality on the student's universe diversity. Distance education has been a comfortable partial solution to make possible the education of those who live far from educational centers and especially for individuals with limited mobility, such as wheelchair users and people with visual impairments, made possible by the remote teaching environment. However, is essential that platforms and software become more accessible to visual impairments people, considering that visual appeal is a strong characteristic of this teaching method. In attention to this audience, we idealized an action research to implement an online guitar course to blind student at the UFPB extension program that searches to understand the development process as evaluate the arisen challenges and possibilities. The inclusion of blind students at distance education,

¹ UFPB

despite the low prevalence, occurs in areas other than musical education. Keeping up with this trend in music is a challenge for contemporary Music Education thinkers.

Keywords: music education; distance musical education for the blind; online guitar for the blind.

1. Introdução

Dentro do universo no qual atuo como professor de música fui solicitado a ensinar violão para uma aluna cega e me interessei pelo desafio. A partir de então, comecei a pesquisar sobre algumas questões relativas às pessoas com deficiência visual que julguei importante conhecer para o planejamento do meu trabalho com a citada aluna. Procurei saber como os cegos fazem para registrar as informações, como manuseiam os aparelhos de comunicação modernos (computadores, telefones, celulares, *tablets*). Constatei que, através dos suportes avançados das ciências médicas aliados ao desenvolvimento tecnológico de hardwares e softwares, as pessoas com deficiência visual conseguem fazer tudo (ou quase tudo) que os videntes fazem, porém com tempo próprio e suas particularidades. A aluna tinha aula semanal e percorria a distância de 97 km que separam sua residência da instituição de ensino. Este percurso demandava cerca de duas horas. Isto me levou a refletir sobre um meio que amenizasse tal esforço e a recompensasse com a aquisição de competências e habilidades requeridas na prática do violão. Percebi a necessidade da criação de ferramentas pedagógicas que pudessem auxiliar nas aulas e tive a ideia de realizar atividades on-line. A educação a distância (EAD) promove a acessibilidade do aluno que mora distante das instituições de ensino — e também daqueles com dificuldade de transitar, tais como cadeirantes e cegos — ao conhecimento científico da academia, sem o esforço do deslocamento, “uma vez que, na EAD, o ato de aprender pode ser alcançado em qualquer lugar, independente da distância entre aluno e professor” (COSTA e LOZANO, 2013, p. 904).

São poucas as pessoas com deficiência visual que frequentam os cursos de música nas universidades brasileiras, comparado com a representação desse segmento populacional que temos no Brasil. Por motivos que merecem investigação, mas sobre os quais posso formular hipóteses, a rara presença de alunos com deficiência visual no ensino superior de música pode estar correlacionada à própria deficiência, que limita e dificulta o deslocamento do cego por diferentes lugares. Somam-se a isso questões como insegurança, perda da autoconfiança, falta de políticas públicas de inclusão e acessibilidade, além da escassez de professores preparados. Embora a cegueira não impeça o deslocamento do indivíduo sem a ajuda de terceiros, as pessoas com deficiência visual tornam-se dependentes do apoio de outras pessoas ou de cães-guias para seu deslocamento adequado e seguro. Essa dificuldade, possivelmente, contribui para que eles sequer tentem o ingresso no ensino superior ou desistam de seus projetos de aprendizagem musical, ou os requeijem a um segundo plano.

As oportunidades, por vezes, disponibilizadas ao ensino da arte para cegos são promovidas por ONGs, centros de reabilitação, aulas particulares ou por meio do ensino informal. Hoje em dia a *internet*, com seu poder de compartilhamento de informações e conhecimentos, desponta como uma alternativa de aproximação dos cegos com aprendizagens de linguagens musicais. Pesquisando esse tema, encontrei fóruns de pessoas com deficiência visual que aprendem violão popular pela *internet*. Através deles, percebi que os cegos não encontram metodologias e materiais didáticos direcionados para eles, tão facilmente como encontram os alunos videntes. Apesar disso, permutam entre si os escassos

conhecimentos, informações e materiais que obtêm no universo on-line. Acredito, portanto, que a área da educação musical deve promover cursos com ferramentas e materiais instrutivos, estrategicamente idealizados para o aluno deficiente visual em programas acadêmicos.

Considero o ensino a distância uma modalidade competente para impulsionar atividades de ensino musical a esse segmento segregado de nossa sociedade. Ferramentas pedagógicas, tais como oficinas e trabalhos que estimulem a criação, apreciação e performance musical, são exemplos de instruções possíveis de serem concebidas e disponibilizadas em cursos de extensão usando essa modalidade. Trata-se de um meio pelo qual a academia pode chegar aos domicílios daqueles impossibilitados de acessar o conhecimento pelo caminho inverso. É o que proponho ao pensar um curso de violão on-line para cegos, como a etapa de intervenção da minha pesquisa-ação. Com isto, não estou sugerindo que as pessoas com deficiência visual fiquem reclusas em suas residências, pois seria uma outra forma de segregação e não de inclusão. Mas entendo que oferecer alternativas favoráveis de acesso ao conhecimento seja uma forma relevante de inclusão cultural.

Esta pesquisa busca adequar ao cego o conhecimento pedagógico do violão através da realidade emergente e aprimorada do ensino e aprendizagem on-line. Algumas instituições públicas de ensino musical no Brasil incluíram a EAD em seus currículos. Optei por iniciar esse empreendimento com alunos com deficiência visual por terem eles mais dificuldades de transitar do que os videntes, e dessa forma, a EAD torna-se ainda mais significativa, pois permite que eles tenham acesso à aquisição de conhecimentos da prática do violão de forma mais cômoda, sem os empecilhos da distância física.

A realização do presente estudo pode representar um “passo” a mais na democratização do acesso à educação e cultura. É possível que ofertando tais condições, seja facilitado o ingresso de estudantes cegos nos cursos superiores de música.

2. EAD e deficiência visual

Além de ser a principal responsável pelo crescimento da EAD nos últimos anos, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) também permitiram a inclusão digital para as pessoas com deficiência visual através do desenvolvimento de tecnologias assistivas, as quais permitem a eles autonomia para a manipulação de equipamentos como *tablets*, *smartphones* e computadores. Como exemplo dessas tecnologias, podemos citar os leitores de tela. Através desses recursos e outros *softwares*, eles podem ouvir o texto escrito, como também conseguem se comunicar e interagir em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs).

O Censo EAD.BR 2018 informa que as 47 instituições respondentes de seus questionários afirmam atender 5.067 alunos com deficiências em cursos regulares totalmente a distância — número que corresponde a 0,21% do total de alunos matriculados nesses cursos — e diz que esse número tende a aumentar. Não especifica o número de alunos com deficiência visual matriculados, mas podemos concluir que há uma baixa prevalência dos

mesmos. O mesmo censo também revela a necessidade de uma significativa ampliação dos recursos de acessibilidade dos AVAs.

A modalidade de ensino a distância, quando pensada para ser aplicada aos videntes, apresenta forte apelo a imagens e cores. Ao ser adaptado para as pessoas com deficiência visual, o conhecimento em formato multimídia (imagens, vídeos, gráficos, tabelas) deve ser oferecido de forma diferenciada, usando preferencialmente textos e/ou áudios. Os ambientes virtuais de aprendizagem também devem ser adaptados com o propósito de melhorar a acessibilidade. Sobre essa questão, Coelho *et al.* alertam sobre o:

[...] cuidado que programadores devem dar à semântica na linguagem da programação dos sistemas. A semântica precisa incorporar aspectos que favoreçam a acessibilidade à navegabilidade no ambiente bem como propiciem a exploração do documento com maior interatividade. (COELHO *et al.*, 2016, p.5).

Pimentel *et al.* (2014) realizaram um estudo onde entrevistaram oito profissionais de uma equipe multidisciplinar da EAD e uma aluna com deficiência visual que cursou pedagogia num polo de Mauriti no Ceará, e constataram que, sob a ótica da aluna:

[...] não houve por parte da Instituição a percepção de que ela tinha limitações, que a mesma fazia parte de um público diferenciado [...] suas atividades eram feitas com a ajuda da irmã e/ou da mãe e que se resumiam a ditar o material didático disposto no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle, o qual não dispunha de nenhum dispositivo adaptado [...] (PIMENTEL *et al.*, 2014, p. 713/714).

Esse depoimento reforça a dependência de ajuda de terceiros, aliado à necessidade de planejamento com foco nas possibilidades sensoriais e motoras dos alunos na EAD quando esses alunos forem cegos.

Avaliando a eficiência da plataforma Moodle para o trabalho com cegos, Coelho *et al.* (2016, p. 13) afirmam que, apesar dos problemas encontrados, “considera-se que os mesmos são passíveis de solução e podem gerar acessibilidade a AVAs por pessoas com deficiência visual”.

Até o presente momento, não encontrei trabalhos científicos que abordem especificamente propostas de educação musical para pessoas com deficiência visual através da EAD. Essa realidade suscita novos estudos sobre essa temática.

3. Educação musical e deficiência visual

A literatura nos mostra que o ensino musical para a pessoa com deficiência visual permanece um desafio para os educadores musicais. As instituições de ensino, em sua maioria, não estão estruturadas para um atendimento adequado ao público com deficiência e os professores, em geral, não estão aptos para ensiná-los. Desse modo,

[...] um pequeno número de escolas e faculdades de música [no Brasil] está de fato preparada para receber um aluno portador de deficiência visual”. “Muitos profissionais acabam recusando ofertas de trabalho nesta área da educação por não se sentirem seguros. Estes justificam ao relatar que não obtiveram uma preparação especializada para lecionar a alunos com deficiência visual. (GUIORZI; MÜLLER, 2016, p. 2).

A maior parte das propostas de ensino e aprendizagem musical com cegos recorre ao trabalho com a linguagem musical ocidental, empregando a musicografia braile². Revisando a literatura em sua dissertação de mestrado, Tudissaki (2014, p.40) fez um levantamento da produção acadêmica brasileira que reflete sobre a educação musical para pessoas com deficiência visual e constatou que “estas pesquisas consideram a musicografia Braille um importante recurso para as aulas de música”. A autora também acrescenta que foi possível verificar uma “escassez de trabalhos acadêmicos voltados para essa temática”. No entanto, a educação convencional específica para os cegos no contexto brasileiro apresenta lacunas com relação à sua abrangência, pois a grafia em braile não é dominada por todos as pessoas com deficiência visual. Para Ghiorzi e Müller (2016, p. 4), “muitos não sabem ler tal grafia e muitas vezes a nossa região não atende tão especificamente esta área em relação ao ensino do braile, quanto menos o ensino da escrita musical para deficientes visuais”. E se são poucos os cegos que dominam a musicografia braile, esse domínio é ainda mais raro por parte dos professores videntes. Segundo Carvalho, “como os professores de música não têm conhecimento da musicografia Braille, acabam por recusar-se a lecionar para estudantes cegos por julgarem impossível passar para eles o conteúdo das partituras com efetividade” (CARVALHO, 2010, p.23).

Com relação ao ensino de instrumentos musicais para cegos, podemos destacar algumas experiências realizadas no Brasil aplicando os princípios do método Suzuki, como por exemplo os trabalhos de Bohn (2008) e de Rodrigues (2010). Bohn sugere que sejam feitas algumas alterações no instrumento, tais como o uso de fitas adesivas, a fim de facilitar o correto posicionamento dos dedos no instrumento, de modo que o aluno cego tenha melhor fluência na execução instrumental. Para Bohn (2008, p. 39), “As adaptações têm que ser feitas de forma criativa, funcional e prática, a fim de facilitar o aprendizado dos alunos com deficiência visual e fazer com que vençam no mais breve tempo as dificuldades técnicas do instrumento”.

A depender dos objetivos que se tenha no trabalho educacional, é importante considerar as dificuldades que envolvem o aprendizado da musicografia braile e compreender que é possível desenvolver atividades musicais com alunos deficientes visuais, sem recorrer ao uso da mesma. Para Quintanilha:

[...] podemos usar outros procedimentos que não lançam mão do uso da escrita musical em *braille*, para alavancar um processo de educação musical transformador e significativo [...]. Consideramos importante o aprendizado da musicografia *Braille*, mas há vantagens e desvantagens as quais precisam ser consideradas. (QUINTANILHA, 2013, p. 26, 27).

² A musicografia braile é um código voltado para a notação musical tradicional utilizando o sistema braile.

Para a prática da música erudita ocidental, o domínio da leitura musical é fundamental. Os cegos que pretendem trabalhar com tal prática deverão aprender a musicografia braile. No entanto, para atividades musicais com o violão popular, por exemplo, a grafia musical tradicional, geralmente, não se faz necessária.

4. Sobre o curso

No universo das pessoas cegas, há uma porção que, por diversos motivos, demonstram pouco interesse no aprendizado da musicografia braile. Buscando oferecer alternativas para formação musical desta fração discente, idealizei um curso de violão on-line. De modo remoto subtrairei o empecilho do acesso presencial decorrente da dificuldade de deslocamento às instituições de ensino.

O curso será oferecido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no programa de extensão, atendendo a demanda de três alunos voluntários com cegueira total, estudantes da instituição. Será dividido em dois módulos, cada módulo conterà doze aulas com duração de 1h e 20 minutos cada. Contemplarei flexibilização para continuísmo na segunda fase ou repetição da primeira.

O trabalho será voltado para a prática do violão popular. Serei o professor e adotarei uma escrita violonística alternativa, combinando letras e números para representar os dedos, as cordas e as “casas” no “braço” do violão. Essa escrita possibilitará a representação dos acordes no instrumento e poderá ser lida através de um leitor de tela. A aprendizagem de ritmos será realizada através do “tocar de ouvido”, explorando o potencial auditivo dos alunos.

As aulas serão a distância, síncronas e assíncronas. As síncronas, com data e horário combinados previamente com o professor, serão individuais, exceto a primeira, que será realizada no formato coletivo, com a participação de todos os envolvidos na pesquisa. As aulas síncronas acontecerão através de videoconferência e as atividades assíncronas por meio de um ambiente virtual de aprendizagem, que será criado para que os alunos tenham acesso remoto aos materiais disponibilizados no curso, como áudios (*podcasts*, músicas para apreciação) ou textos em formato *word* ou pdf para serem lidos por leitores de tela. É prevista uma aula on-line síncrona por semana com cada aluno.

Além da constante interação com os alunos ao longo das aulas, os participantes irão, individualmente, ao final do curso, acrescentar suas opiniões em uma entrevista semiestruturada on-line.

5. Considerações finais

Na configuração atual, pela disponibilização da *internet*, computadores, *tablets*, *smartphones* e outras ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, a EAD desponta como uma alternativa significativa para a educação formal das pessoas com deficiência visual. Os leitores de tela possibilitam aos cegos fluência na utilização de hardwares e softwares. Porém os AVAs são pouco acessíveis aos cegos e devem adaptar os conteúdos em formato

multimídia para áudios e/ou textos. A educação musical direcionada para cegos recorre constantemente ao trabalho com a musicografia braile e poucos professores de música dominam esse código. A capacitação de professores para trabalhar com alunos cegos através da musicografia braile é fundamental, pois por meio desse código os alunos cegos têm acesso à aprendizagem da leitura e escrita de partituras musicais. Porém é importante a exploração e flexibilização de novas práticas que possibilitem o ensino e aprendizagem musical aos cegos para atender a variabilidade de interesses desses alunos com a aprendizagem musical. Saliento que nem todos têm motivação em aprender a musicografia braile, especialmente aqueles que não nasceram cegos, ou que adquiriram a cegueira na fase adulta, por não dominarem o código braile.

É possível ensinar o violão popular para os cegos através de acordes cifrados para serem lidos por leitores de tela e por práticas mediadas pela audição. Os obstáculos de locomoção enfrentados pelas pessoas com deficiência visual serão transpostos pela modalidade a distância. A educação musical/instrumental para cegos através da EAD é uma estratégia inovadora. Há necessidade de implementação de pesquisas nesta área para alcançarmos o aperfeiçoamento e popularidade desta técnica de ensino. Considerando que a inclusão de alunos cegos na EAD, apesar da baixa prevalência, acontece em outras áreas, acompanhar esta tendência na música é um desafio aos pensadores da Educação Musical contemporânea. Na sociedade inclusiva, é importante que o ensino musical/instrumental a distância seja acessível também às pessoas com deficiência visual.

Referências bibliográficas

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD.br 2018**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. Curitiba: InterSaberes, 2018. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_EAD_BR_2018_digital_completo.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

BOHN, Débora Flemming. **O ensino de violino voltado para deficientes visuais integrando o método Suzuki e a musicografia Braille**. 2008. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, Maressa Miquelino de. **O ensino específico de música para deficientes visuais: o método MusiBraille**. 2010. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

COELHO, Cristina Massot Madeira; RAPOSO, Patrícia Neves; PIRES, Larine Araújo; RAPOSO, João Matheus Câmara Rios Portales; SANDRI, Valentina Sofia Silva; KAFURE, Ivette; RADAELL, Lucas Falcão. **Tecnologia assistiva para acessibilidade de pessoas com deficiência visual a ambientes virtuais de aprendizagem**. In: Simpósio Internacional de Educação a Distância – SIED, Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância – EnPED, 08 a 27 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index/view/1719>. Acesso em: 20 abr. 2019

COSTA, Maria Luisa Furlan; LOZANO, Taissa Vieira. **Educação a distância e deficiência visual: possibilidades e perspectivas.** *In: Atos de Pesquisa em Educação* – PPGE/ME, v. 8, n. 3, p. 901–920, set./dez. 2013. Disponível em:
<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/%20atosdepesquisa/article/%20viewFile/3431/2482>.
Acesso em: 18 jul. 2019.

GUIORZI, Matheus Magalhães; MÜLLER, Cristiane. O deficiente visual e a educação musical: metodologias de ensino. *In: Revista de Divulgação Interdisciplinar Virtual do Núcleo das Licenciaturas.* v. 4, n. 1, 2016. Disponível em:
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/viewFile/9726/5466>. Acesso em: 05 mar. 2019.

PIMENTEL, Karine Silva; OLIVEIRA, Luziana Ferreira de; PEREIRA, Renalison Farias; PAIXÃO, Germana Costa; FILHO, José Nelson Arruda. **A inclusão de pessoas com deficiência visual na EAD segundo a ótica do aluno e da equipe multidisciplinar.** *In: XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância.* Florianópolis, 05 a 08 de agosto de 2014. Disponível em:
<http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126681.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

QUINTANILHA, José Carlos. **Uma proposta de oficina para músicos com deficiência visual: construção de instrumentos musicais e performance.** 2013. 148f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Marcelo Inagoki. **Educação musical de deficientes visuais: analisando possibilidades de aplicação de alguns princípios do método Suzuki.** *In: I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música.* XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO. Rio de Janeiro, 08 a 10 de novembro de 2010. Disponível em:
<http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-MarceloInagoki.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2019.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar. **Ensino de música para pessoas com deficiência visual.** 2014. 167f. Dissertação (Mestrado em Musicologia/Etnomusicologia/Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto IA da Universidade Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2014.